



REVISITANDO OS ARTÍFICES DA CORRESPONDÊNCIA

COLÓQUIO INTERNACIONAL ARTÍFICES DA CORRESPONDÊNCIA – TEORIA, METODOLOGIA E CRÍTICA NA EDIÇÃO DE CARTAS

Alex Neiva*

* a.a.neiva@gmail.com

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em
Literatura Portuguesa da USP.

Colóquio Internacional Artífices da correspondência – Teoria, metodologia e crítica na edição de cartas – 03 e 04 de novembro de 2014. Auditório István Jancsó, Edifício Braziliana. Instituto de Estudos Brasileiros, USP.

Em tempos de biografias não autorizadas, de discussões que dividiram o cenário cultural brasileiro, com posições polêmicas de renomados artistas que são admirados pela intelectualidade nacional, a discussão sobre a correspondência de escritores figura como um dos campos de estudos fundamentais porque traz uma série de questões como a noção de intimidade, a utilidade da publicação das cartas, bem como os limites entre a vida e a obra de personalidades públicas.

Ocorreu, no dia 03 e 04 de novembro de 2014, o colóquio Internacional sobre correspondência, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP. Nesse evento destacam-se as presenças de pesquisadores como José-Luis Diaz, Brigitte Diaz, Geneviève Haroche-Bouzinac, Alain Pagès, Telê Ancona Lopez, Marcos Antonio de Moraes, Flora Süssekind, Nádia Battella Gotlib, entre outros. O colóquio teve como objetivo difundir junto à comunidade acadêmica brasileira as pesquisas de estudiosos sobre procedimentos teóricos, metodológicos e críticos em edições de cartas.

Na conferência de abertura, Telê Ancona Lopez fez uma espécie de crônica sobre a história da pesquisa da correspondência

em São Paulo. Vale a pena mencionar os principais acontecimentos, segundo a pesquisadora: Em julho de 1963, teve início na casa de Mário de Andrade, no bairro da Barra Funda, a primeira pesquisa sistemática do acervo do escritor. O projeto foi dirigido por Antonio Candido, visou ao registro da marginália de Mário de Andrade, presente em sua biblioteca. Em 1967, começou as negociações capitaneadas por Antonio Candido e José Aderaldo Castelo, então diretor do IEB, para transferência do acervo para a USP. A família do escritor recebeu indenização pelos quadros, esculturas e livros. Os documentos do arquivo – correspondência, manuscritos da criação literária, fotografias e coleções de imaginária religiosa – foram doados ao IEB. Em 1989, O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) financiou o arquivamento dos documentos de Mário de Andrade, para a aquisição de caixas especiais para que a consulta fosse feita sem que se tirassem os fólios. Em 1993, saiu a edição da correspondência de Mário de Andrade, fruto de um projeto da Fapesp (1990 – 1994), coordenada por Marcos Antonio de Moraes, então aluno de Telê Ancona Lopes. O acervo de Mário de Andrade conta com 6951 documentos de correspondência passiva; e ativa, conta com 602, a de terceiros, sob a custódia do escritor, 135 documentos. O catálogo digitado está, desde 1997, à disposição da consulta no Setor de Arquivos do IEB. Para a pesquisadora, destacam-se duas vertentes do estudo de cartas de Mário de Andrade, um estudo do Modernismo, no qual se consolida o

empenho de Mário na formação de seu acervo, quando amigos percorrem livrarias de Paris atrás de encomendas do escritor ou quando Tarsila encontra um “marchant” que a levaria a encomendar um Picasso. E uma segunda vertente em que se destacam os arquivos da criação, em que as cartas entram no itinerário de poetas e romancistas, como as folhas do poema “Porquinho da Índia”, de Manuel Bandeira, incluídas numa carta datada de 3 de abril.

A apresentação de José-Luis Diaz mostrou uma visão panorâmica sobre a edição de correspondência no século XIX, notadamente, explicitou o modo como a chegada no mercado editorial da correspondência contribui para influenciar a literatura. É preciso considerar, segundo o pesquisador, algumas preocupações dos editores tais como “a utilidade da publicação das cartas, a noção de intimidade, e considerações sobre o corpus, pois nesse período são os próprios críticos literários que editavam as cartas, como Sainte Beuve”. A correspondência passiva seria pouco privilegiada, pois os editores prefeririam, por razões mercadológicas, insistir no caráter inédito da correspondência, a partir da “Correspondência Geral” de escritores como Stendhal e Balzac.

O interesse dos editores do século XIX era, sobretudo, pelo aspecto biográfico, por revelar a intimidade dos escritores. As edições evidenciavam “uma vontade de afirmação de cientificidade” e eram organizadas por “universitários,

editores, familiares, colecionadores de manuscritos, críticos literários e escritores”. Os critérios de escolha das edições seguiam as chamadas “virtudes epistolares” (questões como a correção do estilo e a adequação ao gênero epistolar), bem como uma fundamentação que se justifica pelo contexto do século XIX que é a publicação da correspondência como uma forma de “prestar homenagem ao grande homem”, em que a ênfase se dá pela publicação de biografias. Trata-se, segundo Diaz, de um crescente sentimento de pertencimento ao gênero epistolar e de uma nascente preocupação científica que marca a gênese dos estudos da correspondência.

A comunicação de Alain Pagès tratou do ato editorial e as estratégias de anotações dos editores. A carta suscita muitas questões e as edições devem responder a esses problemas. Em parte isso se deve, segundo o pesquisador, não só “ao tempo decorrido da vida do autor, mas também ao tempo decorrido ao acesso as cartas”. Cabe ao editor refletir sobre a correspondência editada (que pode ser dividida em 2 grupos: Correspondência Geral e Íntima), e o dever de edição, que se caracteriza pela noção do dever de publicar. Uma questão que se apresenta é quais seriam os limites das notas em relação às cartas? Segundo Alain Pagès, o desejo de exaustividade permeou as preocupações dos editores do século XIX, pois havia “a necessidade de dizer tudo, fazer notas sobre tudo, preocupações que motivaram os editores de correspondência”.

As notas podem ter um nível biográfico, sociológico e cronológico. Para o pesquisador, “o defeito de um anotador é trazer informações vagas, flutuantes”. O editor deve “compreender o elemento obscuro e os meandros da carta”. Muitas cartas passam da esfera íntima para a “carta aberta”, como a famosa carta de Emile Zolá intitulada “*J'accuse!*”, na qual protesta contra a prisão de Alfred Dreyfus no episódio que ficou conhecido como caso “Dreyfus”. A carta é o lugar de conhecimento, mas também o lugar da dúvida, em que o editor deve ter a humildade de reconhecer que se trata de uma tarefa sempre inacabada.

Ainda segundo as notas, vale a pena recorrer à fala da pesquisadora Eliane Vasconcellos, que apresentou, junto com Matildes Demétrio dos Santos, comunicação sobre as cartas de Pedro Nava a Drummond. Para Vasconcellos, “as notas têm por objetivo esclarecer o leitor e contextualizar as referências pessoais, espaciais, literárias e históricas. São direcionadas ao público leitor e ele as condiciona.” A pesquisadora demonstra que a rede de sociabilidade das cartas dos escritores muitas vezes passa distante da produção ficcional, como é o caso das cartas de Nava a Drummond, em que se destacam as relações de favores econômicos e pedidos de emprego a Drummond, que era ligado ao ministro Capanema, do governo Vargas, evidenciando as relações entre Literatura e Serviço Público.

A comunicação de Ieda Lebensztayn falou sobre questões teóricas e hermenêuticas dos estudos de correspondência. Partindo das indicações de Bosi, em *Reflexões sobre a Arte*, a pesquisadora identificou três dimensões para o estudo das cartas. A primeira se refere à materialidade da carta, ou seja, ao estilo, aos arquivos de criação dos escritores. A segunda à dimensão subjetiva na qual figuram os sentimentos, pensamentos, afetos, amizades entre intelectuais. É uma terceira dimensão que se relacionaria ao significado histórico-social em que se dá a dimensão social e singular do documento. Segundo Ieda: “O estudo da epistolografia vem da interpretação dos textos, como objeto de leitura intertextual no qual se evidenciam os conflitos subjetivos e as representações histórico-sociológicas”. A carta seria, então, uma mediadora entre as relações pessoais e históricas.

Geneviève Haroche-Bouzinac e Brigitte Diaz discutiram os procedimentos interpretativos da epistolografia. A carta seria um espaço de mediatização da obra, em que estão presentes as negociações, estratégias e filiações literárias. Haroche-Bouzinac identifica a carta como instrumento que contribuiu para o projeto de educação feminina na França do começo do século XIX. O ensino da arte epistolar seria indispensável ao posicionamento da mulher na sociedade francesa. A correspondência seria considerada uma forma de consolidação literária, a partir da qual se construiria um

modelo de civilidade. Para a pesquisadora, vivia-se na época da “ambição de educação, a construção de uma *persona* nas cartas. Era comum os manuais de arte epistolar e seus modelos, como formulários para secretário, bibliotecas, mulheres e comerciantes, formulários para escrita como os de Richelieu. As jovens do pensionato de madame Campan (1795 – 1807) preocupavam-se em responder com pontualidade, isto era um compromisso sagrado para elas”. Segundo Brigitte Diaz, “a correspondência escreveria o avesso da história singular, trata-se não só de um documento, um discurso, como de um fazer.” A carta torna-se um espaço privilegiado de mediação na qual os escritores enviam poemas, pedem a intervenção do interlocutor nas discussões artísticas. A carta construiria uma espécie de personagem do escritor. Para Brigitte Diaz, há três tipos de mediação da carta: Correspondência entre escritores, correspondência entre escritores e críticos e correspondência entre escritores e editores. No primeiro tipo estão contempladas as filiações, a gênese, a formação e o grupo literário. No segundo, as polêmicas, os debates, a publicidade da obra e a camaradagem. O terceiro tipo se relaciona ao autor e as estratégias de filiação literária. A dimensão publicitária das cartas dos escritores tem um valor performático em que o dizer é fazer. A pesquisadora destaca a carta de Baudelaire a Victor Hugo como exemplo do *topoi* da carta admirativa, em que o jovem poeta se utiliza do elogio acadêmico para se situar na cena literária francesa.

O objetivo real da carta é obter de Vitor Hugo um prefácio à crítica de Baudelaire a Gautier. A carta funcionaria como uma afirmação de si, como um desejo de reconhecimento e uso midiático da carta, em que o nome do autor seria como uma marca. A correspondência permitiria então sondar as estratégias literárias e de mediatização.

O evento no IEB evidenciou não só a consolidação de um campo de pesquisa sobre a correspondência na USP como mostrou as similitudes e diferenças da pesquisa francesa e brasileira, sobretudo, quanto ao modo como cada pesquisador trabalha com a tradição cultural de seu país. Sairá, no primeiro semestre de 2015, a tradução pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), da obra “L`epistolaire”, de Geneviève Haroche-Bouzinac.